

Pedro Sebastião - Recensão de *A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada* - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 250-253. DOI: 10.21747/0871164X/hist9\_1r1

**MARTINS, Miguel Gomes (2017), *1147, A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada*, Lisboa, Esfera dos Livros. ISBN 978-989-626-840-4, 386 pp.**

Pedro Sebastião  
Universidade de Coimbra  
psebastiao03@gmail.com

Miguel Gomes Martins é um autor que tem vindo a desenvolver um notável trabalho de investigação e divulgação da história militar medieval portuguesa. Doutorada pela Universidade de Coimbra, a sua mais recente obra, *1147, A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada* não é estranha à sua área de estudos.

Segundo o autor, este livro surge com o objetivo de fornecer uma visão de “âmbito panorâmico” da conquista de Lisboa de 1147, ao integrar esta operação, num contexto mais vasto tanto do ponto de vista cronológico como geográfico (Martins 2017: 17). Não sendo um tema novo, Miguel Gomes Martins justifica o surgimento desta obra com a descoberta de novas fontes, nomeadamente vestígios arqueológicos na cidade de Lisboa, e com a reinterpretação de fontes já conhecidas, algo possibilitado graças ao desenvolvimento dos estudos sobre poliorcética medieval.

A obra tem 386 páginas divididas por 14 capítulos e consideramos que estes podem ser divididos em 3 partes principais; em primeiro lugar, os capítulos 1 a 6, em segundo lugar, os capítulos 7 a 11 e, finalmente, os capítulos 12 a 14.

É na primeira parte que iremos elencar as principais críticas, assinalando que consideramos ser nestes primeiros seis capítulos que o autor pretende marcar o seu contributo historiográfico, tendo em conta os objetivos a que se propõe. Aqui, é fornecido o contexto social, económico e político da Europa e do Médio Oriente, na Baixa Idade Média, e é analisado o contexto político-militar ibérico desde 711 até à chegada ao poder de Afonso Henriques. O autor aborda também o contexto da queda de Edessa e o lançamento da cruzada por Inocêncio II. É também nesta parte que está uma das principais teses defendida na obra, segundo a qual, a conquista de Lisboa fazia parte dos planos de Bernardo de Claraval para a Segunda Cruzada e o rei português, sabendo desta eventualidade, condicionou as suas estratégias militares de 1147 para esse efeito.

Temos a destacar alguns pontos positivos nestes primeiros capítulos. Referimos a capacidade do autor ter uma perspetiva integrada da evolução das diferentes entidades

Pedro Sebastião - Recensão de *A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada - História*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 250-253. DOI: 10.21747/0871164X/hist9\_1r1

políticas ibéricas e que se verifica, por exemplo, na análise do desenvolvimento territorial dos reinos cristãos e da sua constante ligação ao contexto político muçulmano (Martins 2017: 57-63). Outro ponto positivo prende-se com a exploração e interligação das múltiplas fontes textuais usadas para a descrição de eventos, e tendo em conta que as descrições apresentadas, não raras vezes se contradizem este trabalho revelou-se, certamente árduo (Martins 2017: 81-83).

Além disso, referimos a capacidade de analisar eventos militares de forma ampla – note-se o caso do fossado de Ourique (1139), cujo sucesso o autor atribui, não só às capacidades militares das forças portuguesas, mas também ao facto dos almorávidas terem, nessa data, outros focos de guerra no Norte de África e em Oreja, o que lhes retirava efetivos militares da parte ocidental da Península.

Temos ainda a reportar alguns pontos negativos. Em primeiro lugar é fácil imaginar esta obra sem os capítulos primeiro e quarto que nos parecem quase extemporâneos do principal tema da obra: o cerco de Lisboa. Tal é mais reforçado no primeiro capítulo, onde é feito um resumo político-dinástico, que se espraia por 34 páginas, dos vários reinos europeus, que nos parece de uma utilidade reduzida para a compreensão da temática em estudo. Em menor grau, também o capítulo quarto onde o autor explica de forma detalhada o lançamento da Segunda Cruzada nos parece dispensável, sobretudo tendo em conta que os elementos básicos da composição desta expedição são dados, novamente, no capítulo quinto.

Por outro lado consideramos que outros pontos fundamentais poderiam ter sido mais aprofundados. No capítulo 2, a forma como o autor aborda a criação do Condado Portucalense por Afonso VI, uma questão polémica, é atribuída, de forma imprecisa, à necessidade de defesa da região face à ameaça almorávida (Martins 2017: 67); as reflexões desta questão, oriundas de autores como Stephen Lay e José Mattoso, poderiam contribuir para enriquecer esta análise (Lay 2009: 68-70 e Mattoso 2007: 30-32).

No entanto, consideramos que a principal crítica a fazer nesta obra é a forma breve como o autor fundamenta a possibilidade da conquista de Lisboa fazer parte dos planos da Segunda Cruzada, algo que, como já notámos, nos parece ser uma das principais teses defendidas na obra, e que ocupa apenas três páginas da mesma (Martins 2017: 130-133). Na apresentação destes argumentos, o autor não procurou elaborar uma

Pedro Sebastião - Recensão de *A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada - História*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 250-253. DOI: 10.21747/0871164X/hist9\_1r1

discussão historiográfica com posições opostas apresentadas por outros investigadores, que defendem que a conquista de Lisboa foi um fenómeno *ad hoc*, no contexto da Segunda Cruzada. O artigo de Alan J. Forey, “The Siege of Lisbon and the Second Crusade”, no ano de 2007, rebate quase todos os fundamentos apresentadas por Miguel Gomes Martins e teria sido útil cruzar estas duas perspetivas (Forey 2007). Ainda assim, consideramos que os argumentos de Miguel Gomes Martins são suficientes para fundamentar a tese apresentada, mas estão longe de encerrar a questão quanto à natureza da participação cruzada no cerco de Lisboa de 1147. É de referir que outros autores, como Pedro Gomes Barbosa e José Mattoso, partilham da mesma posição de Miguel Gomes Martins (Barbosa 2004: 29-30 e Mattoso 2007: 240-241).

A segunda parte da obra diz respeito à descrição das operações de cerco por parte dos cristãos e das movimentações da guarnição da cidade. São abordadas as negociações entre os portugueses e os cruzados, as operações de desembarque e o armamento usado por cristãos e muçulmanos. Nesta segunda parte o autor faz ainda uma descrição dos principais eventos militares, destacando as primeiras iniciativas do exército cristão, as sortidas da guarnição, as questões relativas ao abastecimento e a construção de engenhos de cerco. De seguida, o autor dá conta dos principais eventos militares, nomeadamente, a criação de minas subterrâneas para derrubar as muralhas e a construção de torres de cerco, que, aliás, acabaram por levar à queda negociada da cidade a 24 de outubro de 1147.

Apontamos que estes capítulos são, na nossa opinião, os mais bem conseguidos de toda a obra por denunciarem um trabalho rigoroso de análise crítica das fontes e de cruzamento de bibliografia diversa. Referimos, como exemplo a metodologia usada para calcular os efetivos militares portugueses no cerco, no capítulo 7, em que o autor tem em conta, não só as fontes, mas também os condicionalismos demográficos, económicos e políticos do século XII português (Martins 2017: 180-181). No mesmo sentido, destacamos as propostas inovadoras quanto à identificação dos combatentes cruzados, onde o autor correlaciona as fontes da operação militar em análise, com as do cerco de Tortosa, onde o mesmo contingente participou. Merece também uma referência a forma como o autor integra a lenda de Martim Moniz num dos momentos do cerco (Martins 2017: 167-170 e 182-183).

Pedro Sebastião - Recensão de *A conquista de Lisboa na rota da Segunda Cruzada - História*. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 9 nº 1. 2019. 250-253. DOI: 10.21747/0871164X/hist9\_1r1

Quanto à terceira parte desta obra, podemos considerá-la como o epílogo alongado desta narrativa. Além da descrição dos acontecimentos decorrentes da tomada da cidade, o autor incide nos “estranhos caminhos” que seguiram os combatentes cruzados na sequência da vitória em Lisboa, nomeadamente a participação nos cercos de Almeria e Tortosa e, já em 1148, no cerco de Damasco de 1148. Quanto a esta terceira parte evidenciamos a capacidade de resumir, de forma sintética, as complexas atividades político-militares da Segunda Cruzada.

Em resumo, esta é uma obra muito bem conseguida e que dá um contributo importante para a temática, do ponto de vista académico mas também na divulgação a um público mais alargado, objetivo facilitado pelo discurso claro e acessível que norteia todo o estudo. Esta divulgação afirma-se como extremamente relevante no aumento da cultura histórica da população e, por acréscimo do valor da História para a sociedade.

#### **Bibliografia:**

BARBOSA, Pedro Gomes (2004), *Lisboa – 1147 – A cidade reconquistada aos mouros*, Lisboa, Tribuna da História.

FOREY, Alan J. (2007) “The siege of Lisbon and the Second Crusade”, *Portuguese Studies*, nº 20: 1-13.

LAY, Stephen (2009), *Os reis da reconquista portuguesa*, Alfragide, Texto Editora.

MATTOSO, José (2007), *D. Afonso Henriques*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores.